



“IMPACTOS DA TRANSIÇÃO PRODUTIVA EXTRATIVA NA COMUNIDADE COQUEIRO NO MÉDIO RIO PRACUÚBA GRANDE, MARAJÓ - PA

José Amadeu Magalhães Marinho¹
Isis do Mar Marques Martins²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar os impactos da transição produtiva extrativa na dinâmica socioespacial da comunidade Coqueiro, situada no médio rio Pracuúba Grande em São Sebastião da Boa Vista, Marajó - PA. Centrando-se nos diferentes fluxos migratórios associados ao dinamismo da economia do açaí na comunidade de Coqueiro. A investigação se baseia em dados oriundos de material bibliográfico e pesquisas em periódicos online e repositório da Universidade Federal do Pará, além de entrevistas com informantes-chave. Aponta-se como resultados que o incremento da produção extrativa de açaí favoreceu, por um lado, o adensamento populacional da comunidade em comparação a décadas passadas, havendo uma fragmentação do território. Em contrapartida tornou-se a dinâmica de reprodução das famílias ribeirinhas cada vez mais dependentes da economia do fruto de açaí, ao mesmo tempo que também aumenta a valorização do preço dos imóveis rurais. Com isso, outras atividades tradicionais relacionadas à agricultura, que historicamente foram importantes na formação socioespacial da comunidade, tornaram-se complementares progressivamente.

Palavras-chave: Comunidade coqueiro, imigração, economia do açaí, imóveis rurais.

ABSTRACT

This work aims to analyze the impacts of the extractive productive transition on the socio-spatial dynamics of the Coqueiro community, located in the middle Pracuúba Grande river in São Sebastião da Boa Vista, Marajó - PA. Focusing on the different migratory flows associated with the dynamism of the açaí economy in the Coqueiro community. The investigation is based on data from bibliographic material and research in online journals and repository of the Federal University of Pará, as well as interviews with key informants. The results show that the increase in açaí production has led to population density in the community compared to previous decades, resulting in fragmentation of the territory. On the other hand, the reproductive dynamics of riverside families have become increasingly dependent on the açaí fruit economy, while the value of rural real estate has also increased. As a result, other traditional activities related to agriculture, which have historically been important in the socio-spatial formation of the community, have gradually become complementary.

Keywords: Coconut community, immigration, açaí economy, rural real estate.

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – UFPA, joseamadeu.marinho@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutorado em Planejamento Regional – IPPUR UFRJ, Faculdade PPGeo/UFPA – UFPA, isismartins@ufpa.br



INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se um processo de transformação socioespacial no médio rio Pracuúba grande, especificamente na comunidade Coqueiro, localizada no município de São Sebastião da Boa Vista, Marajó (PA). Processo que se desenvolve a partir das imigrações recentes associadas ao dinamismo da economia do açaí, fruto extraído do açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), palmeira que se desenvolve nas “várzeas flúvio-marinhas da Amazônia brasileira” (Lima, 2000, p. 35).

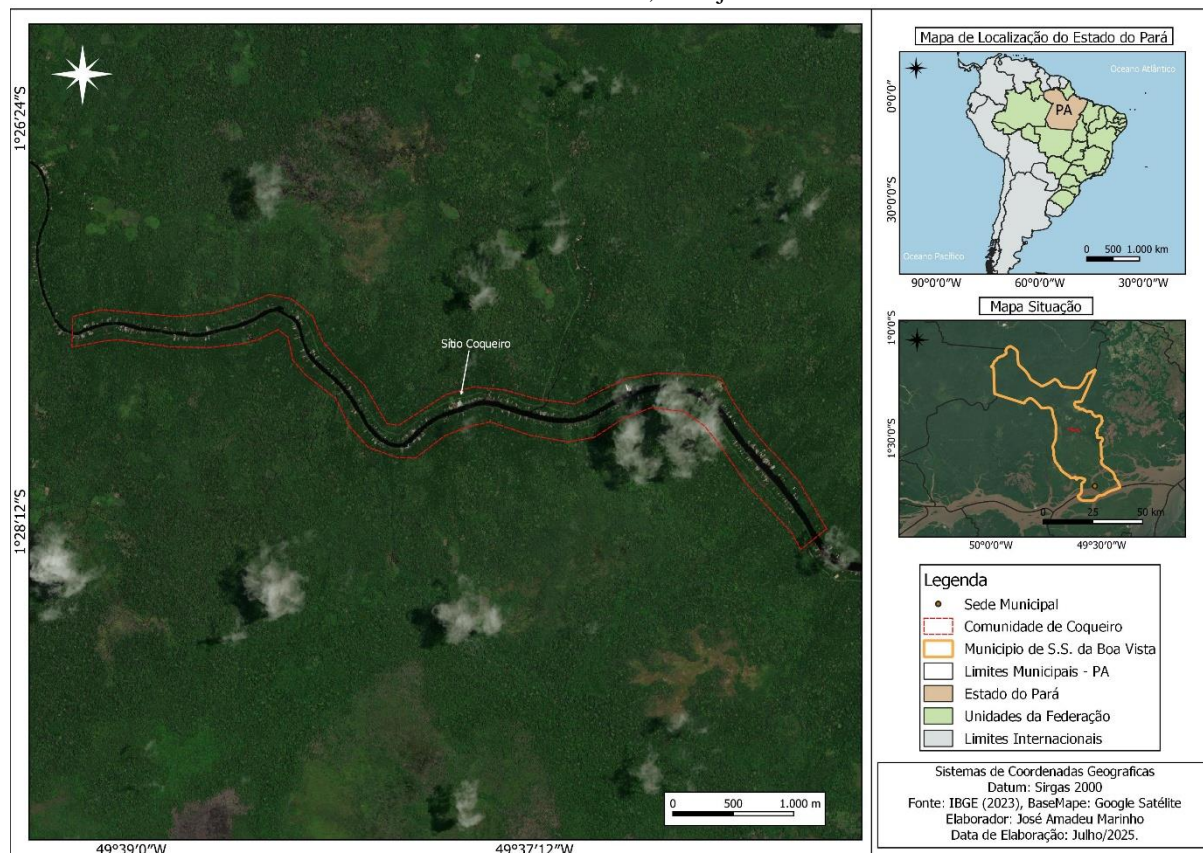
A crescente procura pelo fruto de açaí vem promovendo mudanças significativas na dinâmica socioespacial dessa comunidade nas últimas décadas. Uma dessas mudanças pode ser observada através de processos de imigrações permanentes, temporárias ou diárias que se direcionam à comunidade, em função da atividade produtiva do açaí.

A transformação desse fruto em uma mercadoria que possibilita a obtenção de renda relativamente rápida, em tempos de safras, contribuiu para o adensamento populacional na comunidade Coqueiro, tornando-a um lugar de mais atração populacional. Nos períodos de safras, principalmente no verão, aumenta a imigração de pessoas vindas de outras áreas adjacentes à comunidade para o trabalho na economia do açaí e também para comercializar produtos varejistas como alimentos.

O dinamismo da economia do açaí, por outro lado, aumentou a procura por terra, elevando seu preço, principalmente em áreas com açazais ou que apresentem condições para o manejo e formação desses palmeirais. Nesse contexto, agentes locais com maior poder aquisitivo procuram adquirir novas áreas na franja ribeirinha, cuja ocupação se apresenta cada vez mais fragmentada, do ponto de vista fundiário, em pequenos quinhões resultantes do aprofundamento do desmembramento das propriedades/posses familiares. Em determinadas situações, quem negocia a herança migra para outras localidades ou para pequenas cidades mais próximas.

Com isso, a comunidade Coqueiro (figura 1) passa por mudanças socioespaciais decorrentes do adensamento populacional, ao mesmo tempo em que a crescente demanda por açaí estimula o manejo dos açazais em áreas inundáveis em torno do rio e igarapés e mesmo em áreas menos sujeitas a inundações periódicas.

Figura 1 – Mapa de Localização, aproximado, do perímetro da Comunidade Coqueiro, município de São Sebastião da Boa Vista, Marajó – PA



Elaborador: Autor, 2025.

A organização socioespacial da comunidade Coqueiro ocorre de início de forma lenta e gradual. A memória social informa que a comunidade surge com a construção de uma igreja católica no sítio coqueiro, no final da década de 1960. A construção dessa igreja ocorreu em um contexto em que havia um movimento religioso na sede municipal de São Sebastião da Boa, movimento que também foi importante para o surgimento das demais comunidades ribeirinhas localizadas no médio rio Pracuúba Grande.

As casas da população que residem na comunidade Coqueiro são construídas nas franjas do rio, sendo as palafitas de madeira a arquitetura predominante (figuras 2). Tais residências, em decorrência do adensamento populacional, cada vez mais são construídas próximas umas das outras, geralmente havendo laços familiares entre os moradores. A conexão entre os aglomerados de casas é feita por estreitas pontes construídas de madeira nativa da região ou através de embarcações.



Figura 2 – Residências em forma de palafitas na franja ribeirinha da comunidade Coqueiro.



Fonte: Wikiloc³

Atualmente, o fornecimento de energia elétrica para o Marajó, através do “Programa Luz Para Todos”, chega a alguns lugares mais remotos no interior do arquipélago, entre esses, parte da extensão do médio rio pracuúba, incluindo a Comunidade Coqueiro. Vale ressaltar que, antes da introdução da rede elétrica, as famílias utilizavam lamparinas de querosene, artefato utilizado para iluminar as casas durante a noite, mas que foi perdendo utilidade com o tempo, principalmente com a chegada dos geradores de energia elétrica em meados dos anos de 1990.

Com a introdução dos geradores de energia, também passou a haver a possibilidade do uso de televisões nas residências e posteriormente, a partir de 2008, de telefone fixo. Houve também melhoras nos meios de transportes, barcos de ferro e de madeira, lanchas expressas passam a navegar diariamente no médio rio Pracuúba, conectando as comunidades às áreas urbanas, tornando as viagens mais rápidas.

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar alguns impactos da transição produtiva extrativa na comunidade Coqueiro que repercutiram em fluxos migratórios locais, de modo a compreender como essas implicações, impulsionadas pela economia do açaí, geram contínuas mudanças na dinâmica socioespacial dessa comunidade ribeirinha.

³ <https://pt.wikiloc.com/trilhas-carro/localidade-de-sao-sebastiao-da-boa-vista-155976620>



METODOLOGIA

A construção do presente trabalho se desenvolveu em dois momentos: no primeiro, buscou-se estabelecer os contornos do objeto de estudo, partindo de um levantamento de material bibliográfico. E no segundo foram realizadas entrevistas com informantes-chave para a pesquisa, como moradores com mais tempo de vivência na comunidade Coqueiro e trabalhadores imigrantes de áreas adjacentes a comunidade.

A pesquisa de material bibliográfico foi realizada em periódicos online e no repertório da Universidade Federal do Pará (UFPA). Houve a consulta a livros, artigos e dissertações visando à contextualização e recorte do tema de investigação (Marinho, 2005; Morais, 2014; Lima, 2024), bem como a fundamentação teórica relacionada aos processos migratórios (Martins, 2021).

O segundo momento na elaboração do trabalho consistiu na coleta de informações primárias sobre a formação da Comunidade Coqueiro e a dinâmica da economia do açaí. Nesta fase foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis informantes-chave. Três desses informantes são moradores da comunidade: um com experiência de cerca de 40 anos na atividade do açaí e outros dois com experiências que variam entre 15 e 20 anos nessa atividade. Outros dois entrevistados são trabalhadores imigrantes com aproximadamente 20 anos na prática extrativa e uma professora aposentada que residiu na comunidade até meados dos anos 2000.

Após o levantamento do material bibliográfico e a realização das entrevistas, houve a análise e tratamento das informações pesquisadas, etapa seguida pela elaboração de um material cartográfico no software QGIS e pela organização textual dos resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A progressiva demanda do fruto de açaí para o mercado consumidor urbano se desenvolve principalmente a partir dos anos 1990, no médio rio Pracuúba Grande, onde localiza-se a comunidade Coqueiro. Nesse rio, conforme Marinho (2005, p. 2),

há pouco mais de duas décadas, a memória social informa que a exploração dos açaizais era voltada, em grande parte, ao autoconsumo. A extração de açaí para fins comerciais, iniciada a partir de 1940, encontrava-se ainda em estágio pouco desenvolvido e, assim como o extrativismo da borracha e o cultivo do arroz (*Oryza sativa* L.) e da banana (*Musa* sp. div.), que eram as atividades econômicas mais importantes, estruturava-se com base no escambo, nas relações de patronagem típicas do sistema de aviação. Ou seja, além de ocupar um lugar secundário no cenário



local, a economia do açaí era pouco monetarizada e se baseava em relações de exclusivismo, devido especialmente ao reduzido número de agentes econômicos interessados na compra desse fruto e a consequente falta de concorrência que isso acarretava.

Para um produtor rural da comunidade Coqueiro, o qual acompanhou o processo de desenvolvimento da produção e comércio do fruto de açaí na região, sendo um dos pioneiros nessa localidade: “foi a partir do final da década de 70 com a introdução das primeiras embarcações motorizadas, que o fruto do açaí passou a ser comercializado em lugares mais distantes da comunidade, como nas feiras urbanas de Belém e mais tarde em Abaetetuba, Igarapé-miri”⁴ e Breves no Marajó.

Vale ressaltar que, antes da introdução dos barcos motorizados, a navegabilidade dos viajantes da comunidade Coqueiro era realizada através de canoas a remo, que demandavam esforço físico, ou à vela, movidas pelo vento, para as cidades interioranas mais próximas, como as cidades de São Sebastião da Boa Vista e Muaná.

Segundo relato do mesmo produtor rural,

Uma viagem a Belém poderia levar semanas em uma canoa movida a vela, devido à viagem depender tanto das marés quanto dos ventos, isso impossibilitava a venda de açaí nas feiras porque o fruto do açaí depois da colheita tem durabilidade no máximo entre de 2 dias, então não tinha como comercializa o açaí nas cidades mais longe⁵.

Conforme o relato de outro produtor local, que também comercializou o fruto de açaí nas feiras de cidades como Belém, Abaetuba e Breves, no Estado do Pará, além de Santana no Estado do Amapá, “o açaí só veio atingir o topo da cadeia produtiva no médio Pracuúba Grande a partir de meados de 2008, com a introdução da venda do fruto para as fábricas de exportações, quando passou a ter a compra do produto diariamente e, com isso, aumentou ainda mais a produção com o manejo dos açazais, e a concorrência pela compra do fruto”⁶.

Assim, o manejo dos açazais, a partir de conhecimentos essencialmente empíricos, avança em áreas de várzeas situadas nas margens do rio, fazendo os açazais predominarem na paisagem ribeirinha (figuras 4), e, aos poucos, também é praticado em áreas de terra firme, onde se preparavam as rosas de mandioca.

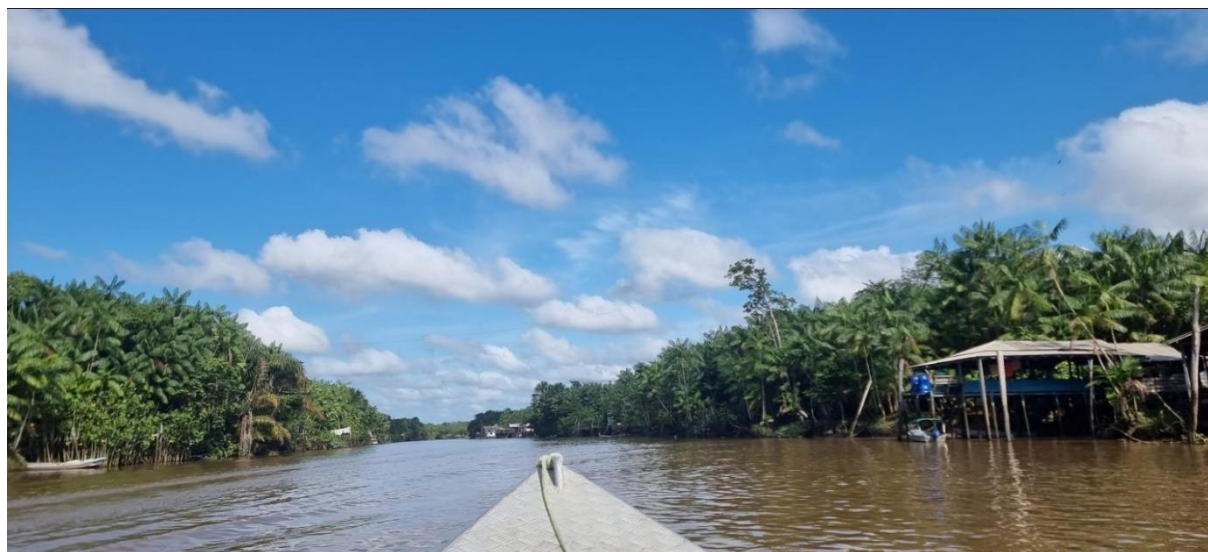
⁴ Entrevista realizada em julho/2025.

⁵ Entrevista realizada em julho/2025.

⁶ Entrevista realizada em julho/2025.



Figura 4 – Açaizais na paisagem do médio rio Pracuúba Grande



Fonte: Wikiloc⁷

O açaí extraído no médio Rio Pracuúba Grande contribui para tornar o Marajó uma das principais áreas produtoras desse fruto no Pará. De acordo com Morais (2024), a partir de dados da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuária e da Pesca do Pará (SEDAP), atualmente 25% da produção de açaí do estado vêm do Marajó. Produção que abastece feiras urbanas e também fábricas que processam o fruto para exportação, atualmente situadas em grande parte em Castanhal, município próximo à cidade Belém do Pará.

A ampliação dos interesses de mercado sobre esse fruto engendra importantes redefinições nessas relações. Com a modernização do sistema de transporte e o declínio das outras atividades econômicas tradicionais, a extração e a comercialização do açaí tornam-se cada vez mais importantes. Um maior número de trabalhadores passa a se dedicar a essas atividades, uns envolvidos com a extração, outros, com o comércio, a cada ano mais diversificado. Surge, assim, um ambiente no qual a comercialização desse produto passa a se definir progressivamente na esfera da concorrência, em que a liberdade de compra e venda parece cada vez mais imperar (Marinho, 2005, p. 2)

Com isso, muitos posseiro/proprietários de terras e trabalhadores rurais da comunidade Coqueiro passaram a intensificar o cultivo do açaí, devido ser um produto bem mais rentável nos períodos de safras para esses agentes. Diferentemente de outras atividades como, por exemplo, a cultura da mandioca que passa por várias etapas até alcançar o produto final, a economia do açaí envolve etapas de trabalho mais rápidas, pois “a apanha [coleta] do açaí acontece diariamente podendo ser a qualquer hora do dia e, tanto o produtor quanto o extrator,

⁷ <https://pt.wikiloc.com/trilhas-carro/localidade-de-sao-sebastiao-da-boa-vista-155976620>.



logo após término do trabalho já recebem o pagamento⁸ mediante a venda da produção para um marreteiro por exemplo.

Vale ressaltar que nos períodos de safra do açaí a comercialização do fruto na comunidade Coqueiro é diária. Há marreteiros internos e externos à comunidade comprando o fruto dos produtores para comercializar seja com intermediários que fornecem açaí para as fábricas que processam e exportam a polpa do fruto, seja para venda direta nas feiras das cidades de Belém, Abaetetuba, Breves e na sede municipal do Município.

Acompanhando esse dinamismo da economia do açaí observa-se também um processo de imigração de pessoas que se deslocavam tanto para morar permanentemente na comunidade, como para residir temporariamente durante as épocas de safra. Fenômeno que já se observava no início dos anos 2000, com a densificação da ocupação humana no médio Rio Pracuúba Grande, em função do incremento da produção de açaí (Marinho, 2005).

Os processos migratórios, de acordo com Martins tendo por base Sayad (1998), são processos de saída do local de origem para se vincular, mesmo que de forma parcial, a outro lugar que seja diferente de suas identidades e realidades cotidianas com diferentes perspectivas e formas de viver.

Atualmente, observa-se uma mobilidade humana mais intensa na comunidade Coqueiro em comparação a décadas anteriores. Essa mobilidade está diretamente relacionada ao incremento da economia do açaí, na qual extratores e atravessadores, também chamados de marreteiros, migram de outras localidades para extrair e comercializar o fruto.

Nesse contexto, moradores de localidades como a Ilha Pau de Rosa, por exemplo, localizada no alto rio Pracuúba Grande, que no período do verão passa por estiagem, migram para vários lugares (Lima, 2024). A comunidade Coqueiro é um dos destinos para onde esses migrantes se deslocam buscando trabalhar na cadeia produtiva do açaí e se alojando temporariamente, em geral, em casas de parentes e conhecidos.

Assim, a imigração desses trabalhadores para a comunidade Coqueiro é caracterizada, predominantemente, por ser temporária, devido esses imigrantes também trabalharem na economia do açaí, no seu local de origem. A safra do açaí na Ilha Pau de Rosa coincide com o período do inverno amazônico, quando a elevação das águas no alto rio Pracuúba Grande possibilita condições para a navegabilidade de pequenas embarcações, havendo o retorno desses imigrantes para trabalhar na economia do açaí.

Outro movimento migratório para a comunidade Coqueiro vem da cidade de São

⁸ Entrevista realizada em junho/2025.



Sebastião da Boa Vista e adjacências. Esse movimento é diário, sendo realizado por trabalhadores/marreteiros que se deslocam às áreas de açazais e retornam às suas moradias no mesmo dia. Nos períodos de entressafras essa bomilidade diminui, ainda que determinados trabalhadores retornem à comunidade para trabalhar no manejo dos açazais ou para realizar variadas atividades como a venda do vinho do açaí na cidade, o transporte de alunos para as escolas ribeirinhas.

Com isso, constata-se na comunidade Coqueiro uma maior movimentação de imigrantes, tanto temporária quanto diária, dependendo da época e das relações desses sujeitos com a comunidade. Há, por exemplo, extratores que possuem laços familiares ou de amizade com produtores de açaí e ficam na comunidade por período de tempo mais longo. Há também extratores e marreteiros que preferem retornar diariamente às suas residências localizadas em outras comunidades ou na cidade de São Sebastião da Boa Vista.

Outro ponto a se destacar em relação ao recente adensamento populacional na comunidade Coqueiro diz respeito à constituição de novos grupos familiares. Percebe-se que os grupos familiares ribeirinhos possuem um número expressivo de filhos que, quando jovens/adultos, muitas vezes buscam seus cônjuges em outras localidades. Vários de casais que se formam, via de regra, terminam por fixar residência na área da comunidade Coqueiro, vista como uma área de economia próspera.

Assim, novas residências vão sendo construídas próximas às casas dos pais, surgindo pequenas vilas interligadas através de laços familiares. Como consequência, o adensamento populacional gera vários desdobramentos na dinâmica ribeirinha, com o aumento da pressão sobre os recursos do rio (peixes), sobre a floresta (açaí) e sobre os próprios imóveis rurais que vão sendo fragmentados em parcelas cada vez menores. Com isso, novas casas vão sendo construídas e as propriedades rurais sendo divididas com os novos grupos familiares que vão surgindo.

Nessa realidade, famílias tendem a encontrar maiores desafios no processo de reprodução social, embora possam trabalhar na extração do açaí nos períodos de safras em suas reduzidas áreas de açazais ou, então, em imóveis rurais de terceiros através do sistema de “meia” (ralação de produção entre o dono do açazal e o extrator (peconheiro), na qual, se o extrator colher 10 latas de açaí: cinco latas ficam com o proprietário do açazal e cinco com o extrator). Isso, porém, nem sempre é o suficiente para manter o sustento da família, levando em considerações que há os períodos entressafras de açaí e safras que a produção do fruto não é tão grande como o esperado pelos ribeirinhos.

Nos intervalos de entressafras, muitas pessoas passam a depender fundamentalmente de



programas sociais do governo, como o Bolsa Família, ou do Seguro Defeso destinado aos pescadores artesanais, auxílios governamentais que subsidiam muitas famílias na comunidade Coqueiro durante esses períodos do ano.

Apesar de produção de açaí constituir a principal atividade geradora de renda na comunidade, persistem atividades complementares como a pesca artesanal e a cultivo de mandioca, atividades voltadas essencialmente ao autoconsumo. Conforme foi observado por Marinho (2005, p. 113):

A pesca também é uma atividade desenvolvida pelos pracuubenses. Não se trata de uma atividade de grande porte, pois envolve apenas o uso de pequenas malhadeiras, sobretudo nos igarapés, onde capturam pequena quantidade de peixes, como jiju, traira e jandiá. No início do verão, esta prática torna-se mais visível, na medida em que determinadas pessoas deslocam-se para o alto curso do rio, onde a baixada das águas cria condições favoráveis à pescaria com anzóis, tarrafas e outros tipos de malhadeira. Mas, assim como a “lanternação”, o produto da pesca volta-se preferencialmente ao autoconsumo.

A lavoura da mandioca, por sua vez, é outra atividade desenvolvida de forma complementar à economia do açaí, mas em escala reduzida. Conforme Marinho (2005, p. 113):

A agricultura de corte-e-queima, por sua vez, ainda persiste principalmente nas terras de famílias que sempre tiveram tradição na produção de farinha. Nestas propriedades, nas áreas de terra firme, as roças são preparadas nos meses de junho e julho, queimadas e plantadas nos meses de agosto e setembro e desmanchadas no verão seguinte, sobretudo quando a safra do açaí começa a fracassar. Além da mandioca, cultivam-se maxixi, abóboras e milho. Devido se tratar de pequenas formas de cultivo, a maior parte da produção serve apenas para atender às necessidades domésticas, fato que não impede a venda de uns quilos de farinha e umas “mãos” de milho, de vez em quando.

A importância econômica da cultura da mandioca, assim como a pesca artesanal, não se equipara ao dinamismo apresentado pela economia do açaí nas últimas décadas, de modo que, cada vez mais, a dinâmica ribeirinha cada vez mais dependente da mercantilização desse fruto, tornado agora uma mercadoria muito demandada.

Outra consequência associada ao dinamismo da economia do açaí é o adensamento populacional da comunidade Coqueiro nos últimos anos, ocasionado pelas imigrações que ocorrem no município de São Sebastião da Boa Vista. Pessoas de diversas localidades do município sempre estão em movimentos para trabalhar na economia produtiva do açaí nas áreas ribeirinhas, entre as quais a comunidade Coqueiro.

Assim, nota-se que a economia do açaí contribui para mudanças socioespaciais importantes e permanentes associadas ao acesso a equipamentos como televisores, telefone celular, internet e meios de transporte (barcos, lanchas e rabetas) mais rápidos. Mas também aumentou a especulação e o preço da terra, que é cada vez mais fragmentada em pequenos



imóveis rurais que trazem desafios a reprodução das famílias ribeirinhas, tornando-as muito dependentes de políticas governamentais especialmente em épocas de entressafra do açaí.

Diante dessas condições ocasionadas pela dinâmica da economia do açaí, verifica-se a necessidade de “buscar organizar o uso, ocupação e transformação do território para um aproveitamento ótimo, tal aproveitamento se associa, geralmente, com o uso sustentável dos recursos naturais e padrões adequados de atividades econômicas” (BRASIL, 2005, p. 35). Evitando, o uso desordenado da terra para o trabalho, incorporando nesses territórios, manejo adequado dos açazais com incentivo também a produção da lavoura de corte, farinha, banana e milho, não esquecendo da importância das atividades de subsistência como a pesca artesanal e a caça que também são atividades importantes para a comunidade Coqueiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo introdutório sobre a Comunidade Coqueiro busca-se mostrar as mudanças socioespaciais recentes associada à transição produtiva na comunidade. Verificou-se através da investigação que a economia do açaí, além de contribuir para o acesso a renda e a diversos equipamentos que possibilitam maior conexão da comunidade com a dinâmica urbana, intensificou também diferentes movimentos migratórios para as áreas ribeirinhas.

Identificaram-se três movimentos imigratórios na comunidade: um, de caráter temporário, realizado por moradores da Ilha Pau de Rosa que, fugindo da estiagem, migram para a comunidade Coqueiro em busca de trabalho; outro movimento pendular ou mobilidade diária, realizado por trabalhadores que se deslocam diariamente de localidades adjacentes a comunidade Coqueiro para trabalhar na economia do açaí ou comércio varejista, como a venda de alimentos, trata-se de uma mobilidade pelo trabalho; e, por fim, um movimento de imigração permanente, situação observada com mais frequência através da constituição de novos casais, que se estabelecem na comunidade contribuindo para adensamento populacional nas áreas ribeirinhas.

Dessa forma, além do adensamento populacional que se espalha as margens do rio, a transição produtiva extrativa na comunidade Coqueiro contribuiu para aumentar o número de imóveis rurais menores para cultivo do açaí, além de haver a fragmentação das posses/propriedades e aumento da especulação pela terra. Com isso, a organização espacial da população ribeirinha na comunidade passa por mudanças contínuas, em função muito da dinâmica do açaí que nas últimas décadas proporciona uma realidade ribeirinha cada vez mais dependente do mercado urbano.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial: anais da oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial, Brasília**, 13-14 de novembro de 2003/Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional (SDR). – Brasília: MI, 2005.

LIMA, J. P. O **“INTERIOR” E AS ÁGUAS: ENTRE PAISAGENS, MOBILIDADES E TECNOLOGIAS DE UMA VIDA RIBEIRINHA EM SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA NO MARAJÓ-PA**. Belém, 2024.

LIMA, R. R, TOURINHO, M. M, COSTA, J. P. C, da. **Várzeas flúvio-marinhas da Amazônia brasileira: características e possibilidades agropecuárias**. Belém: Serviço de Documentação e Informação, 2000. 342p.

MARINHO, J. A. M. **Dinâmica das relações socioeconômicas e ecológicas no extrativismo do açaí – Médio rio Pracuúba, São Sebastião da Boa Vista, Marajó (PA)**. Belém – Pará, 2005.

MARTINS, I. do M. M. Migração e novas abordagens metodológicas: balanços e novos desafios. In.: **Diálogos e práticas no campo da pesquisa qualitativa**. Maria Augusta Mundim Vargas, Auceia Matos Dourado, Maria Salomé Lopes Fredrich (org.). Ituiutaba: Barlavento, 2021.

MORAES, A. M. **“Açaí mais escasso e salgado: Mudanças climáticas podem afetar a economia no Marajó”**. Para oeco, 19 de setembro de 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/acai-mais-escasso-e-salgado-mudancas-climaticas-podem-afetar-a-economia-no-marajo>. Acesso em: 29 abr. 2025.